



**GOVERNO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
CONSELHO UNIVERSITÁRIO**

Relatoria referente a Proposta de concessão de título de Doutor Honoris Causa ao Sr. Pedro Paulo Soares Pereira, o “Mano Brown”, pela Universidade Federal do Sul da Bahia

Proponente: PRÓ REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA (PROEX)

Relator: Conselheiro Prof. Dr. Francisco de Assis Nascimento Jr.

1. APRESENTAÇÃO

Este parecer refere-se à análise do Processo **23746.007544/2023-89** que trata da proposta de concessão de título de Doutor Honoris Causa ao Sr. Pedro Paulo Soares Pereira, o “Mano Brown”, de acordo com a resolução 14/2022 da UFSB, tendo anexo o documento que subsidia referida proposta, já enviado aos membros do CONSUNI para análise.

O Processo apresenta os seguintes itens:

- Justificativa 37/2023 de abertura do Processo;
- Memorial da candidatura apresentada – Mano Brown: “Fi de Baiano” a ícone cultural brasileiro – uma trajetória de vida insurgente (17 páginas);
- ANEXOS – reportagens de diversos meios de comunicação (70 páginas);
- Resolução 14/2022 da UFSB;

2. ANÁLISE

A apresentação da proposta de concessão de título de Doutor Honoris Causa ao Sr. Pedro Paulo Soares Pereira, o “Mano Brown”, de acordo com a resolução 14/2022 da UFSB não está organizada em tópicos, tampouco contém o histórico de sua redação e construção, como para além da própria proposta, o documento apresenta informações profundas em suficiência para sua análise.

A proposta se dedica a responder a uma única pergunta: Por que deveria a Universidade Federal do Sul da Bahia conceder o título de Doutor Honoris Causa ao Sr. Pedro Paulo Soares Pereira, o “Mano Brown”?

A proposta contextualiza sua vida, explicita sua ligação com a Bahia e as razões pelas quais a arte que produz é reconhecida em espaços culturais e acadêmicos. Talvez reste a este parecerista, em sua análise, trazer à tona aquilo que só está obvio a quem acompanha as letras de suas músicas, seu histórico de militância política e os argumentos incisivos, mas nunca violentos, que empresta aos seus entrevistados.



GOVERNO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

Trata-se de um indivíduo singular: rapper, integrante e fundador do grupo Racionais MC's, seu trabalho é voltado a um público jovem, ainda em idade de formação escolar uma parcela da população que, ao menos em tese, deveria possuir uma agenda diária que reservasse boa parte de seu tempo para frequentar uma escola.

Os quase 300.000 habitantes do Capão Redondo, região Sul de São Paulo, são atendidos por 29 escolas estaduais e 51 escolas municipais. O Censo Escolar Paulista não apresenta dados mais recentes do que 2014, não permitindo o acesso a dados que apontem com precisão qual o número de crianças e jovens que se encontram fora da escola. Entretanto, pode-se afirmar que Mano Brown representa e dialoga com essa parcela da população.

Mano Brown representa e dialoga com uma camada da população dividida entre duas culturas: aquela ligada a descoberta dos prazeres pessoais, das alegrias da existência e a outra, impessoal, cuja imposição é representada pela instituição colonizadora “escola” e ao que oficialmente se convencionou denominar “educar”. Não se trata, portanto, de uma proposta simples, dada a importância da obra (e da pessoa) de Mano Brown para a política e cultura brasileira.

E aqui se chega a uma encruzilhada, de onde saem 3 caminhos a serem considerados por esta análise: a educação, a cultura e a representatividade do ato de outorga do título de Doutor Honoris Causa à Mano Brown.

Educar é uma atividade política de ação prática, que tem como objetivo transformar a transformação da realidade a partir do reconhecimento da história construída pelas pessoas que a vivem. Vem daí sua significação no cotidiano das pessoas, através dos espaços e lugares que ocupam. Quando a Universidade se propõe a conceder o título de Doutor Honoris Causa ao cidadão que provoca o questionamento da identidade através da apropriação da pedagogia da mídia, ela trata de abordar uma política na educação que é parte desta história humana.

A análise do processo 23746.007544/2023-89 sob o olhar de quem atua no campo da educação, compreende a problemática que encaminha para sua aprovação, uma vez que a prática transformadora de uma realidade deve ser guiada por valores que sirvam como crítica a esta própria realidade. Começamos então, pela principal preocupação da Universidade Federal do Sul da Bahia em sua ação no território do Sul do Estado: a educação, representada pela Escola.

Não falamos aqui de escola como se estivéssemos nos referindo a uma instituição única e homogênea, composta por um único grupo social de pessoas educandas horizontalmente distribuídas, porque este é conceito que não é ingênuo, mas falso: se



GOVERNO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

vivemos em uma sociedade heterogênea, hierarquizada verticalmente a partir de diferentes critérios classificatórios como raça, religião, gênero e classe econômico-social, é natural que essas categorias hierarquizaras se apresentem na escola também de modo hierarquizado e é neste sentido que Ângela Davis ensina:

“As organizações de esquerda tem argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa que a classe é a coisa mais importante. Claro que classe é importante. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça também informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Precisamos refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras” (DAVIS, 2016, p. 12)

A filósofa e ativista norte-americana não pensa as categorias de modo isolado, porque as vê subordinadas a uma estrutura que impede a mobilidade entre suas camadas, determinando a existência de ordenações onde aqueles que possuem o status mais baixo irão se encontrar sempre em uma situação de vulnerabilidade. Mano Brown representa e dialoga com essa camada da população, que vê a escola com a desconfiança do soldado que chega ao campo de batalha pela primeira vez.

É comum que questionem “por que preciso ir à escola?”, até porque esta é uma dúvida contumaz a adultos e crianças periféricas, que pode receber diferentes respostas, variando de acordo com a *quem* ela é feita, mais do que *quem* a faz. Há a questão da pobreza extrema, onde a criança é enviada para a escola em busca de uma refeição; há a questão da violência, onde a criança é enviada para a escola em busca de um território neutro e proteção enquanto seus familiares trabalham. As crianças que são enviadas para a escola porque lá aprenderão a ler e a escrever, serão alfabetizadas, receberão uma educação a partir da qual se assegura um emprego no futuro ou quem sabe até, talvez, o ingresso em uma faculdade.

Mano Brown representa e dialoga com todas essas realidades em sua música, com letras que expõem o debate acirrado entre três forças concorrentes, que tem na escola seu ponto central de disputa: o poder público, o poder econômico e as instituições de cunho privado, já que o processo de escolarização desempenha o papel de agente formador da criança.

Entretanto, em sua Pedagogia do Oprimido (2015), Paulo Freire alerta para o risco deste processo ser utilizado como moeda de troca social, o que tornaria o ato de escolarizar um instrumento a mais a ser utilizado pelos opressores no processo de massificação dos oprimidos.



GOVERNO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

O autor aponta que a escola ainda é obrigada a disputar a primariedade de espaço educador na vida da criança, seja com a mídia ou com os demais centros de convivência social, como o bar ou o terreiro de candomblé. Herdamos em nossa sociedade a cultura de que devemos enviar as crianças à escola, assim como o de não questionar o papel social dessa escola na vida das crianças.

Mano Brown nos mostra que enviamos nossas crianças para a escola porque fomos enviados à escola quando éramos crianças, ou porque não o fomos. E que essa contrariedade nos basta: a escola é onde passarão grande parte de suas vidas, receberão uma educação a *serviço da sociedade* em que viverão no futuro, e é o suficiente para quem deseja ver a manutenção do *status quo* ou para quem deseja que suas crianças alcancem uma breve ascensão social. E faz isso a partir de seu território de (sobre)vivência, distante do asfalto e do saneamento básico, um território que localiza geograficamente isolado ao anunciar que "da ponte pra cá antes de tudo é uma escola/ minha meta é dez, nove e meio, nem rola".

O caminho da cultura talvez seja o mais fácil de ser pontado, mas não menos tranquilo dada a natureza das letras de Mano Brown, que nos leva a questionar a visão da sociedade sobre a escola e as forças concorrentes que nela agem: sobre o poder econômico, representado pelo mercado de trabalho, a quem interessa a formação de um profissional qualificado a realizar determinadas tarefas a seu serviço, para atuar em colocações que não se relacionam com áreas de gerência, administração e desenvolvimento, mas se abarca a toda a classe operária não-especializada e a de serviços.

Mano Brown representa e dialoga com essa parcela da população.

O mercado de trabalho exige a formação de trabalhadores que *saibam* somente trabalhar, tornando cada jovem que conclui o Ensino Médio em um soldado do exército de mão-de-obra reserva, responsável pelo achatamento do valor do salário de referência: se diferentes colocações no mercado de trabalho exigem diferentes formações e escolaridades, a educação é vista como um fim em si mesma, e o território da escola passa a ser o espaço de prolongamento destas ideias, incapazes de proporcionar o sentimento de satisfação cultural que a juventude educanda encontra nas letras de Mano Brown.

Cabe ao poder público compreender a escola como berço de uma sociedade crítica, o ambiente de desenvolvimento da consciência pessoal de cada pessoa educanda sobre seu papel como agente político de uma sociedade em permanente construção., uma compreensão presa ao papel de teses e teorias acadêmicas que não alcançam o chão da realidade escolar, uma denúncia constante nas letras de Mano Brown.



GOVERNO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

O processo 23746.007544/2023-89 dá à Universidade Federal do Sul da Bahia a oportunidade, enquanto instância educadora, de reforçar sua posição como espaço dialógico-cultural, em que é possível a pessoa educanda aprender sobre a realidade social e econômica em que está inserida e como contribuir para sua construção e transformação.

Mencionamos as diferentes razões pelas quais uma pessoa jovem ou uma criança são enviadas para a escola, em nossa análise do processo da proposta de concessão do título de Doutor Honoris Causa ao Sr. Pedro Paulo Soares Pereira, o “Mano Brown”, porque quando o objetivo de alfabetizar está em assegurar uma posição social futura, o que ocorre não é um ato de educar, mas de silenciar a criança em sua palavra, que é substituída pela da escola. Como aponta o professor Ernani Maria Fiori:

[...] alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua palavra, criadora de cultura. A cultura letrada conscientiza a cultura: a consciência historiadora auto manifesta à consciência sua condição essencial de consciência histórica. Ensinar a ler as palavras ditas e ditadas é uma forma de mistificar as consciências, despersonalizando-as na repetição - é a técnica da propaganda massificadora. Aprender a dizer sua palavra é toda a pedagogia e toda a antropologia” (FIORI in FREIRE, 2015, p. 25)

Mano Brown denuncia a necessidade de se proporcionar as crianças negras uma educação baseada na libertação pessoal, atuando como agente dialógico de uma sociedade consciente de seu estado *em* desenvolvimento, uma visão que coaduna com a da Universidade Federal do Sul da Bahia.

Paulo Freire (2015) aponta a rigidez da estrutura social brasileira, composta de maneira estagnada, como responsável pelo processo de silenciamento, apontando que os processos de hierarquização da sociedade brasileira não nos permitem esperar que aqueles que se encontram nas camadas privilegiadas permitam, através da educação, a ascensão dos que estão oprimidos, remetendo diretamente a crítica de Ângela Davis (2016) sobre os mecanismos de opressão entre as diferentes camadas sociais, cujos modos de operar são esclarecidos por George Snyders:

“(.) para afastar as classes populares, já não se atua por exclusão, por oposição absoluta, aqueles que estão dentro do sistema escolar e os que ficam de fora, isto é, na fábrica ou no campo: procede-se por sábias gradações e sabiamente dissimuladas, que vão dos estabelecimentos, seções, disciplinas ligadas às melhores possibilidades de êxito posterior, tanto escolar como social, até aos diferentes graus de relegação” (SNYDERS, 2005, p. 21)



GOVERNO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

Para o pedagogo francês, as pressões exercidas sobre as classes populares são realizadas de modo brando dentro do ambiente escolar, onde assumem o valor de norma em seu agir dissimulado. Ele não se refere em seu argumento somente a questão da avaliação ou ao sistema de atribuição de notas, considerando ingênuo conceber que a exclusão dos menos privilegiados ocorra somente em um determinado momento de sua trajetória escolar, um único momento incisivo como uma prova final ou o exame vestibular. Os processos de exclusão não se restringem a delimitar o acesso a determinadas carreiras em boas universidades públicas, mas alcançam o funcionamento estrutural da escola, agindo como máquina validadora da estrutura social:

“[...]os debates são conduzidos por representantes de classes sociais para quem o único risco de eliminação é o exame; o ponto de vista das classes sociais condenadas à auto eliminação não tem ensejo para se exprimir. A perspectiva ilusória que leva a supor que o *cursus* escolar depende do resultado do exame quando, na realidade, é muitíssimo mais importante encarar o caso de todos aqueles que não teriam tido acesso à sala de exame, reflete no plano ideológico, um egocentrismo ingênuo, voluntariamente ingênuo, das classes privilegiadas” (SNYDERS, 2005, p. 21)

Snyders (2005) reafirma a concepção Freireana de educação, baseada na construção de um ato de educar mediado pelo mundo, e não a seu serviço, o que exige da leitura de mundo precedência sobre a leitura da palavra. Para Freire,

“[...] ler é realizar a leitura de mundo, compreender os sinais presentes no contexto em que se dão as relações vitais entre sujeito e seu entorno; uma leitura que precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 2011, p. 11)

Ao validar a importância do ato de ler, Freire (2011) não se limita ao tempo de uma sala de aula desta ou daquela disciplina, mas se refere à importância da natureza da leitura e o modo como professores e professoras devem considerá-la, observando sua ocorrência dentro e fora de suas aulas, e não somente à palavra escrita, uma mensagem presente nas letras de Mano Brown.

Vislumbramos o ultimo caminho, a representatividade do ato de se conceder o título de Doutor Honoris Causa a Mano Brown. Uma Universidade não deve se bastar a ensinar a ensinar a ler a palavra escrita em seus cursos de linguagens, assim como não basta ensinar a resolver longas listas de exercícios de problemas por repetição de fórmulas



GOVERNO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

nas aulas de Física; é preciso tratar dos diversos textos e problemas da vida, com suas diversas significações em suas diversas linguagens.

Estamos diante da proposta de concessão do título de Doutor Honoris Causa a uma personalidade que atua há décadas na construção de um caminho de leitura de mundo que não é percorrido no ambiente formal da educação, mas nas horas de lazer descompromissado, período do dia voltado ao consumo da mídia, quem é quem exerce o papel de agente formador cultural, influenciando o indivíduo para que construa sua identidade a partir do conhecimento que absorve de seus dramas, já que a mídia de massa legítima determinados jogos de poder formatados como espetáculo: seu discurso é carregado de ideologias que exercem um efeito profundo na formação de seu público consumidor.

Lembremos que para sobreviver, a mídia depende de um público consumidor que se identifique com suas opiniões, com os sentimentos e disposições que lhes são apresentados, o que a leva a propagar uma cultura de massa seduza o público, formatando-o em audiência. O discurso da mídia é permeado por significados e efeitos políticos, como aponta Douglas Kellner (2001), ao relacionar a questão da construção identitária com aquilo que chama “pedagogia da mídia”, onde a descoberta e a construção pessoal estão subordinadas aos exemplos do discurso midiático. Em suas letras, Mano Brown desvela a importância da mídia na formação do sujeito, porque ela ocupa o papel de agente responsável pelo ensinar a ser, qual o modo de pensar e quais as atitudes de comportamento aceitas em sociedade.

Se o Capão Redondo, na Zona Sul de São Paulo possui 300 mil habitantes, o Complexo Baianão em Porto Seguro possui 60.000 habitantes. Na desigual proporção da lógica da cegueira governamental, deveria possuir 6 escolas de ensino médio. Não possui nenhuma.

A marca do Hip-Hop, as chamadas “batalhas de rimas” são realizadas semanalmente e atraem centenas de jovens em idade de formação escolar, que em sua maioria não chegou a concluir o Ensino Médio e atua no mercado de Trabalho Informal dos hotéis e barracas de praia, servindo em pacotes de turismo adquiridos por jovens de classe média de São Paulo, a um valor maior do que sua renda anual. Essa juventude é negra e periférica, é baiana, e não dialoga com a intelectualidade acadêmica.

Na internet, suas páginas de redes sociais contam com seguidores na casa dos milhares.



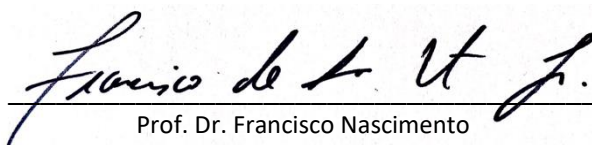
GOVERNO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

Mano Brown representa e dialoga com essa juventude. A concessão do título de Doutor Honoris Causa representa, para toda a comunidade jovem do Complexo Baianão, um farol sinalizando um caminho diferente para seu futuro: ver um dos seus sendo homenageado por uma Universidade Federal pode mostrar que esta Universidade Federal do Sul da Bahia lhes pertence.
E que está tudo dominado.

3. PARECER

Após esta análise do Processo **23746.007544/2023-89**, e considerando que a proposta apresentada contempla a resolução 14/2022 da UFSB; considerando o impacto midiático desta concessão para a UFSB; considerando o efeito positivo que esta concessão representa para a juventude periférica que se deseja ver ingressar nos cursos de graduação da Universidade Federal do Sul da Bahia, este conselheiro emite parecer FAVORAVEL a sua aprovação pelo CONSUNI.

Porto Seguro, 14 de agosto de 2023.



Prof. Dr. Francisco Nascimento
Mat. SIAPE no 1085938
Decano do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
Campus Sosígenes Costa